

BETAR & ARTES & LETRAS



Ano novo

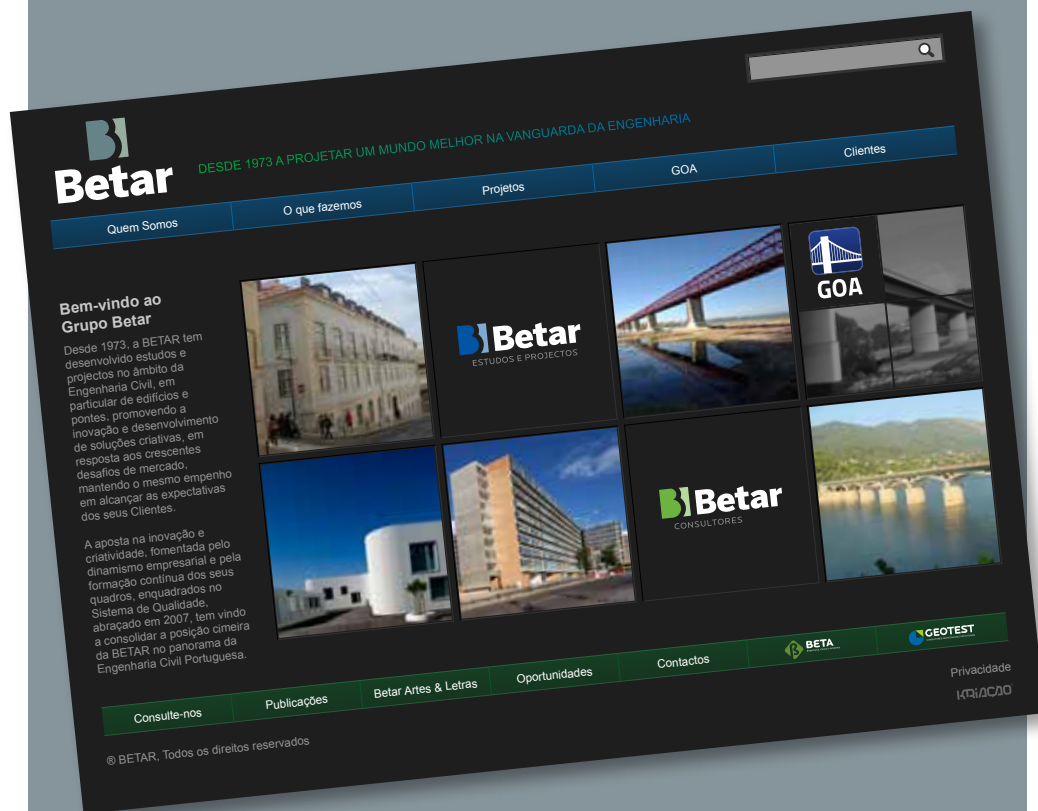
Porque não começar o ano a ir ao Teatro?
'Como Queiram', no São Luiz

B
Betar

ENTREVISTA
ARQ. JORGE
SOUSA SANTOS

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Com mais ou menos dificuldades, todos nós superámos 2013, feito só alcançado com o trabalho e a dedicação de cada um. Com o início de um novo ano, que necessariamente tem de ser melhor, a BETAR deseja, a todos, continuação de sucesso. No que depender de nós, os compromissos a que sempre nos propusemos mantêm-se. E porque deles também faz parte o nosso apoio à cultura, aqui continuaremos a divulgar alguns eventos de interesse.

Patente na Shed76, até ao final de fevereiro, está a exposição Getting Through, que integra a Trienal de Arquitetura de Lisboa, e sobre a qual o arquiteto Jorge Sousa Santos nos fala, na amável entrevista que nos concedeu para esta edição. Ainda no campo das exposições, destaque também para as mostras “África: Visões do Gabinete de Urbanização Colonial” e “O brilho das cidades. A rota do azulejo”.

Na música destacamos a nova geração de artistas de sucesso, da qual fazem parte Gisela João, Mallu Magalhães, Aline Frazão e Michael Bublé. E no teatro, as propostas passam por textos de Shakespeare, Almeida Garrett, Federico García Lorca e Michael Frayn, em cena nos teatros São Luiz, D. Maria II, CCB e Malaposta.

Quanto ao que se passa “lá fora”, realce para o Museu Albertina, em Viena, que expõe obras de vários artistas mundiais, desde Monet a Picasso; o Museu Nacional de Arte da Catalunha, em Barcelona, que apresenta famosas fotografias de Joan Colom; e para a Tate Britain, de Londres, que sugere obras de artistas contemporâneos.

MARIA DO CARMO VIEIRA

*‘Acho que sou arquiteto por influência da Lego (...)
Quanto à arquitetura, há uma ideia que tenho perseguido que é a de que um edifício é um objeto que não é possível decompor.’*

O percurso do arq. **Jorge Sousa Santos**.
Por Cátia Teixeira



Escola Henriques Nogueira em Torres Vedras

A SousaSantos Arquitetos tem agora patente, na Shed76, a exposição Through que propõe uma reflexão sobre os objetos do quotidiano. Fale-nos um pouco sobre esse projeto.

A exposição está integrada na Trienal de Arquitetura de Lisboa e foi feita no âmbito do tema deste ano que é “Close Closer”. O espaço foi desenhado nessa base de proximidade, os corredores são estreitos, os objetos estão muito próximos das pessoas e pretende-se que haja uma interação entre o corpo e o objeto. Começámos por pensar na relação que temos com alguns objetos, que funcionam como interfaces da arquitetura, ou seja, que fazem parte da arquitetura mas que são autónomos, como uma cadeira ou um lavatório. Assim, convidámos 20 personalidades do contexto cultural português e pedimos-lhes que escolhessem um objeto que lhes fosse próximo. Depois convidámos 15 arquitetos, artistas e designers, para escolher um dos objetos e fazer qualquer coisa a partir dele.



Loja em Beja

Numa primeira fase apresentamos os objetos escolhidos, e depois os que vão resultar das ideias que esses primeiros suscitaram. Há objetos como um banco do jardim da casa do arquiteto Ricardo Bak Gordon; um urso de peluche da deputada Joana Amaral Dias, que está a servir de catalisador para uma peça minha, que vai servir para deixarmos objectos de que gostamos, uma espécie de coletor de memórias; uma cadeira da coreógrafa Olga Roriz, que está a ser trabalhada pelos Beyond Architects; uns lápis do estilista José António Tenente, que a designer Joana Astolfi irá usar para desenvolver a sua proposta; um fogão do Telmo Faria, proprietário do Hotel Rio do Prado, que patrocina este projeto; um velocímetro de um Porsche do fotógrafo Fernando Guerra; entre outros.

Decidiu sozinho que queria ser arquiteto? Como é que evoluiu a sua visão da arquitetura, ao longo dos anos?

Visto a esta distância acho que sou arquiteto

por influência da Lego. Devo ser das primeiras gerações que tiveram acesso a estes brinquedos e isso foi determinante, para além de gostar muito de desenhar. Aos 15 anos já tinha apontado nesta direção, também por culpa do contexto que se vivia na altura, era uma época otimista, onde alguns arquitetos começavam a ser reconhecidos. Quanto à arquitetura, há uma ideia que tenho perseguido nos últimos tempos que é a de que um edifício é um objeto, determinado pela noção de unidade, que não é possível decompor numa série de partes. Trabalhei durante muito tempo com o arquiteto Manuel Tainha, que foi uma referência enorme, mas quando comecei a trabalhar sozinho percebi que tinha de fazer as coisas de outra forma. Tenho uma admiração tremenda pelo processo de trabalho do arquiteto Tainha, e pelas obras que tem, mas não trabalho segundo os princípios dele, porque senti que não fazia sentido seguir o mesmo processo. A minha atividade foi sempre muito centrada na unidade do objeto.



Como vê o contexto atual da arquitetura em Portugal?

O contexto arquitetónico está a sofrer alterações substanciais a vários níveis. Estão a acontecer coisas interessantes na divulgação da arquitetura, por exemplo. Hoje em dia a arquitetura é mediatizada a partir da internet e isso faz com que ateliers pequenos, como o meu, em determinado momento, por exemplo quando lançam uma obra, tenham uma projeção idêntica à de um atelier grande. Está a assistir-se gradualmente a uma disseminação do trabalho dos “star architects”. No contexto português, sempre existiu um círculo de arquitetos fechado que se conheciam todos, mas com o aumento do número de cursos, isso mudou. Estas transformações do tecido social dos arquitetos têm efeitos muito expressivos e criam uma certa tensão. Por um lado isso é bom pois há cada vez mais arquitetos a produzir coisas interessantes, por outro torna mais visível a situação de que há pouco trabalho.

Tem um Mestrado em Cultura Arquitetónica Contemporânea. O que é que defendeu na tese e de que forma contribuiu efetivamente para o seu trabalho?

O arquiteto Tainha foi meu professor no 5º ano e o trabalho final era um Museu na Rua do Alecrim, onde hoje existe um edifício do Siza. Eu gostei tanto desse trabalho que fiz a tese de mestrado sobre museus, sobre o lugar da arte. Interessava-me a relação da arte com a arquitetura: de que forma é que a arte é exposta? como é que a arquitetura pode tirar partido da arte e vice-versa? A minha tese foi sobre o espaço de um museu na contemporaneidade e a forma

como se expõe um objeto e isso teve uma repercussão efetiva no meu trabalho. Tenho um projeto de um museu que pode agora ir para a frente, mas a importância de expor está muito presente em trabalhos que já fiz, nomeadamente em três lojas de óculos, onde o processo de exposição dos objetos é sempre diferente, o processo de exposição é o fundamento destes projectos.

Dos projetos que fez com a Betar há algum que sinta que correu particularmente bem?

Eu gosto imenso da Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro, que foi feita com o engenheiro José Pedro Venâncio. Gosto sobretudo da biblioteca, que se define por ter no capitel dos pilares metálicos que pontuam a sala uma clarabóia, um artifício que alude à noção de coluna sem fim do Constantin Brancusi. No fundo, reflete a forma como podemos tirar partido da componente arquitetónica e dar-lhe mais sentido. Foi uma solução de arquitetura/engenharia que funcionou muito bem.

Houve alguma reacção ao seu trabalho que o tenha surpreendido, pela positiva ou pela negativa?

Acho que as pessoas de fora da arquitetura reagem de uma forma muito positiva aquilo que eu faço. Quanto aos arquitetos, acho que ainda há uma certa tendência para trabalhar de uma certa maneira e pertencer a um grupo, e quem não pertence a uma determinada escola já não pertence a esse grupo. Eu sinto-me um outsider, alguém que trabalha de uma forma mais ou menos isolada, independente. Mas obviamente que é fantástico saber que o meu trabalho é reconhecido por alguns dos meus pares.

Este mês, a Artes&Letras sugere duas histórias baseadas em vidas reais que não podem deixar de o impressionar. A não perder também a autobiografia de Nelson Mandela

A Propósito de Llewlyn Davis
Um dos premiados no Festival de Cannes



Título original: Inside Llewlyn Davis
De: Ethan Coen e Joel Coen
Com: Oscar Isaac, Carey Mulligan, John Goodman e Justin Timberlake
Drama, EUA/FRA, 2013

Em 1961, Llewlyn Davis é um cantor de música folk que ambiciona dar-se a conhecer ao mundo. Vagueia por Greenwich Village de guitarra na mão, em busca da grande oportunidade da sua vida. Até então, apenas pôde contar com a ajuda dos amigos, que lhe foram dando um lugar para dormir nas noites mais frias e inventando formas de o ajudar a sobreviver ao dia-a-dia. Apesar de nada parecer correr como o esperado, Llewlyn tem agora uma última esperança: ir a Chicago para uma audição com o influente agente musical Bud Grossman. Dos realizadores de “ Fargo”, “ Este País Não é Para Velhos” e “ Indomável”, o filme é vagamente inspirado na vida de Dave van Ronk, cantor folk norte-americano que inspirou outros grandes ícones, como Bob Dylan, Phil Ochs ou Joni Mitchell.

12 Anos Escravo
Um forte candidato a Globo de Ouro



12 Years a Slave
De: Steve McQueen
Com: Chiwetel Ejiofor, Michael K. Williams e Michael Fassbender
Drama, EUA/GB, 2013

A adaptação ao cinema das memórias de Solomon Northup, raptado no norte dos Estados Unidos, em 1841, e mantido como escravo, durante 12 anos, numa plantação de algodão do Louisiana, apresenta um retrato da escravatura nos EUA, nos anos 40 e 50 do século XIX. No filme, Ejiofor consegue expressar paradigmaticamente a convulsão de sentimentos que vai no interior do protagonista, um homem livre, que é enganado por dois indivíduos e injustamente afastado da esposa e dos dois filhos. Todo o filme é envolto numa atmosfera tensa, que nos confronta com um lado horrível da História dos EUA. “12 Anos Escravo” é um dos filmes mais nomeados para os Globos de Ouro, num ano que muitos já consideraram como um dos mais fortes das últimas décadas no que respeita a candidatos a prémios de cinema.

TEATRO

As propostas de Janeiro são variadas. As nossas passam por textos de Shakespeare, Almeida Garrett, Federico García Lorca e Michael Frayn. Não deixe de ver uma peça



Como queiram

Esta comédia pastoril, a mais musical de todas as peças de Shakespeare, “Como queiram” mergulha no tema do amor, da confusão entre géneros e identidades, e dá-nos a conhecer Rosalinda, uma das maiores e mais elaboradas personagens femininas do autor. A partir da nova tradução de Daniel Jonas, Beatriz Batar-da trabalha com um elenco de absoluta excepção para nos ajudar a deslindar este novelo especialmente imbrincado, comédia de costumes e enganos que sabe muito bem travestir-se de exercício feroz de crítica às práticas sociais que impõem a infelicidade e a injustiça. Ou, se nos aprouver, a rirmo-nos da natureza caótica das relações entre sexualidade, relacionamento amoroso e poder, desmontando a sua dimensão trágica e insistindo numa concepção vitalista da existência.

São Luiz Teatro Municipal

De 9 a 26 de Janeiro
Encenação Beatriz Batar-da
Interpretação Bruno Nogueira, Carla Maciel, Leonor Salgueiro, Luísa Cruz, Marco Martins, Nuno Lopes, Romeu Costa, Rui Mendes, Sara Carinhas e Sérgio Praia



Joaninha dos olhos verdes

Inspirada na obra “Viagens na minha terra”, de Almeida Garrett, esta peça tem como destinatário principal a juventude de hoje, que nela encontrará motivos de identificação com muitos dos seus dilemas atuais. Os primeiros amores, as opções de vida, os confrontos com as gerações precedentes são, entre outros, os conflitos de suporte da peça. O apaixonadinho Carlos encontra na prima Joaninha a sua Ofélia, mas ao amor que desponta opõe-se a figura sinistra de um frade. O liberalismo de Carlos obriga-o ao exílio. Quando regressa tudo se altera no seu pequeno núcleo familiar. O drama com rasgos de melodrama já passara por ali. E tudo acabará na glorificação irónica da nova nobreza, quando o antigo revolucionário Carlos ocupar o seu lugar no coro dos recém-nobilitados barões.

Teatro Nacional D. Maria II

De 4 de Janeiro a 9 de Fevereiro
Encenação João Mota
Interpretação João Grosso, José Neves, Manuel Coelho, Maria Amélia Matta, Bernardo Chatillon, Joana Cotrim, Jorge Albuquerque, Lita Pedreira, Luis Geraldo, Maria Jorge e Rita Figueiredo



Yerma

Yerma, poema dramático de Federico García Lorca, é o nome de uma mulher casada que deseja ter um filho e que descobre que o marido não lho consegue dar. Desespera, não se resigna e resiste à ideia de ficar prisioneira de uma esterilidade da qual não se considera culpada. Fazendo-se protagonista do seu destino, Yerma é inflexível, como Antígona, e, como Medeia. Estas mulheres agem a partir dos sentidos que emanam dos seus universos interiores, que servem de base à construção do seu mundo pessoal. Yerma é reflexo e sinónimo de falência dos argumentos racionais: o que não consegue construir com estes concretiza com as suas próprias mãos, através do sacrifício do corpo, e a morte surge como um gesto de defesa contra a fatalidade e contra a impossibilidade de concretizar sonhos.

CCB

Dias 30 e 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro
Encenação João Garcia Miguel
Interpretação Miguel Borges, Sara Ribeiro e Rachel Ceysson



Tudo a nu

Atores, técnicos e encenador. As características pessoais, manias, feitios, afinidades e ódios. O público acompanha o ensaio geral de “Tudo a Nu”. Aí fica a conhecer os atores e as relações entre eles. No 2º ato assiste-se a uma representação da peça, mas sob o ponto de vista dos bastidores. Já passou uma semana desde a estreia. As relações entre os atores/personagens evoluíram, criando novas emoções. No 3º ato, após 3 meses de tournée, volta-se a assistir à peça, agora do lado do público. As relações deterioraram-se de tal forma que as repercussões em cena serão catastróficas. Entre o desvendar dos bastidores e a constatação de que os atores são, afinal, pessoas normais, esta é uma peça que marcará todos os que a virem e a percepção que terão do teatro nunca mais será a mesma.

Teatro Malaposta

Até 2 de Fevereiro
Encenação Fraga
Interpretação Ângela Pinto, Gonçalo Ferreira, Hélder Gamboa, Isabel Ribas, Mónica Garcez, Paulo Oom, Rui Raposo, Rui Sérgio e Sylvie Dias.

A nova geração de artistas de sucesso no mundo da música tem este mês destaque na Artes&Letras. Quatro nacionalidades, quatro estilos, quatro revelações a não perder



Gisela João

Dia 25 de Janeiro no CCB

CONCERTO

O fado tem uma importância cada vez maior da vida cultural portuguesa com uma crescente internacionalização devido à integração no Património Imaterial da Humanidade. Para esta situação, muito contribuíram os fadistas contemporâneos, dos quais Gisela João é um exemplo singular. Considerada uma das maiores revelações do fado no feminino, dos últimos anos, gravou o seu primeiro álbum a solo “O meu fado”, em 2008.



Mallu Magalhães

Dia 27 de Janeiro no CCB

CONCERTO

Uma das mais entusiasmantes novas vozes da música brasileira vem a Lisboa para um concerto inesquecível. Com apenas 21 anos, Mallu Magalhães conta já com três discos de originais editados. O primeiro, homónimo, foi lançado quando tinha 16 anos e considerado pela “Rolling Stone” brasileira o segundo melhor disco de 2008. No mais recente, “Pitanga”, Mallu assume-se com uma sonoridade moderna e inédita.



Aline Frazão

Dia 31 de Janeiro no São Luiz Teatro Municipal

CONCERTO

Aline Frazão nasceu e cresceu em Luanda, mas foi entre Lisboa, Madrid, Barcelona e Santiago de Compostela que construiu a sua maturidade musical, cruzando a sua raiz angolana com outras influências. Depois do disco de estreia, “Clave Bantu”, editado em 2011, Aline Frazão lançou, em 2013, “Movimento”, trabalho quase integralmente de composições suas, com a colaboração do poeta angolano Carlos Ferreira “Cassé”.



Michael Bublé

Dias 1 e 2 de Fevereiro no MEO Arena

CONCERTO

Michael Bublé é um dos artistas mais acarinhados pelo público nacional - as duas datas de 2010 esgotaram tão rapidamente que se tornou no artista que mais depressa esgotou o MEO Arena, record que detém até hoje. Vencedor de vários grammys e com mais de 45 milhões de álbuns vendidos, Michael Bublé regressa agora a Lisboa para apresentar o seu mais recente álbum To Be Loved, e reviver grandes êxitos.



Concertos em janeiro

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

16/1 às 21 horas e 17/1 às 19 horas (no Centro Cultural de Belém)

Orquestra Gulbenkian, o seu maestro Paul McCreech e a soprano Miah Persson interpretam a Sinfonia nº 9, D.944 (também chamada “a Grande”, seguramente a sua melhor sinfonia) e as canções de um viandante de Gustav Mahler, um dos seus ciclos de canções mais conhecido e de valor superlativo.

23/1 às 21 horas e 24/1 às 19 horas (no Centro Cultural de Belém)

Orquestra Gulbenkian, Coro Gulbenkian, o seu maestro Paul McCreech e as cantoras Ann Hallenberg, Carolyn Sampson e Eduarda Melo interpretam a ópera de Christoph Gluck, “Orfeu”, na versão de Hector Berlioz. “Orfeu” é uma ópera marcante na história e, para além disso, é belíssima.

30/1 às 21 horas e 31/1 às 19 horas (no Centro Cultural de Belém)

Orquestra Gulbenkian, a maestrina Susanna Malkki e o intérprete chinês Wu Wei num programa com duas obras de Gustav Mahler: “Blumine” e a “Sinfonia nº 1”. Completa o programa uma obra do compositor chinês Unsuk Chin, um concerto para Cheng (instrumento tradicional chinês) e orquestra.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

5/1 às 11 horas (Sala Luís de Freitas Branco)

Pela manhã, um concerto pelo Ensemble Darcos com duas obras portuguesas: “Epigramas a Francisco de Lacerda”, de Eurico Carrapatoso e “Novíssimo Cancioneiro – Livro Primeiro” de Nuno Côrte-Real. Dois compositores que pela sua qualidade e por serem portugueses, merecem ser ouvidos.

19/1 às 17 horas (Pequeno Auditório)

Giovanni Bellucci, pianista, interpreta as



Miah Persson

transcrições para piano de Franz Liszt das Sinfonias nº 1 e nº 5 de Beethoven.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

1/1 às 18 horas (Sala Principal)

A Ópera “Candide” (1956), em versão de concerto, de Leonard Bernstein, com um libreto da escritora Liliam Hellman baseado na novela de Voltaire. Coro do T.N.S.C., Orquestra Sinfónica Portuguesa, maestro João Paulo Santos e alguns dos melhores cantores nacionais.

ORQ. METROPOLITANA DE LISBOA

11/1 às 21,30 horas (Teatro Thalia - Estrada das Laranjeiras 205)

Orquestra Metropolitana, maestro Pedro Neves e a soprano Angela Alves. Concerto num concerto alusivo à estética “Strum Und Drange” do período Clássico, com obras de Haydn, Mozart e do compositor boémio Mysliveček (1737-1781).

LIVROS

A literatura lusófona tem destaque nesta edição. Conheça parte da realidade da Islândia e de Angola pela mão de dois grandes autores, cujas obras não devemos deixar de ler



Valter Hugo Mãe *A desumanização*

Passado nos recônditos fiordes islandeses, num lugar com duas dezenas de casas e uma igreja, onde parece que tudo foi negado aos seus habitantes, este romance é a voz de uma menina que nos conta o que sobra depois de perder a irmã gémea. Halldora vive com os pais, um pescador e uma mãe perturbada que se corta na pele para que essa dor faça esquecer outras mais profundas, e “apaixona-se” por Einar, o “tolo” da aldeia, que vive num quarto na igreja. Um livro de profunda delicadeza em que a disciplina da tristeza não impede uma certa redenção e o permanente assombro da beleza. Esta obra de Valter Hugo Mãe, um dos grandes escritores portugueses da atualidade, é um livro de ver. Uma utopia de purificar a experiência difícil e maravilhosa de se estar vivo.



Ondjaki *Os transparentes*

Ondjaki sempre colocou Angola no centro da sua escrita. Neste romance, de novo aparece Luanda - a Luanda atual do pós-guerra, das especificidades do seu regime democrático, do “progresso”, dos grandes negócios, do “desenrasca” - como pano de fundo de uma história que é um prodígio da imaginação e um retrato social de uma riqueza surpreendente. Combinando com rara mestria os registos lírico, humorístico e sarcástico, “Os transparentes” dá vida a uma vasta galeria de personagens onde encontramos todos os grupos sociais, intercalando magníficos diálogos com sugestivas descrições da cidade degradada e moderna. São pessoas simples, cujas histórias traçam um painel de uma Angola cheia de contrastes, vivendo a transição entre a cultura enraizada e a chegada do novo.

ARTES

O novo ano chega com boas iniciativas no campo das artes. Uma visita à paisagem urbana de África ou uma viagem pela rota do azulejo são duas opções interessantes

CCB GARAGEM SUL

África – Visões do Gabinete de Urbanização Colonial

Até 20 de Fevereiro

Esta mostra propõe um percurso por uma paisagem africana desenhada (e inventada) a partir do coração da metrópole, em Lisboa, no período final da colonização portuguesa (1944-1974).

É também a narrativa visual de uma aprendizagem arquitetónica. Inicia-se com imagens de edifícios públicos fortemente marcados pela tradição portuguesa do sul, fixa-se numa arquitetura oficial do Estado Novo, e abre a possibilidade de ensaiar uma primeira expressão de “nativismo africano”, através do conhecimento progressivo que os arquitetos portugueses vão adquirindo das diferentes culturas locais, antecipando visões de autonomia e de independência. Um conjunto de desenhos, relatórios, fotografias, que revelam um projeto de investigação inédito nos arquivos ultramarinos.



GULBENKIAN

O brilho das cidades. A rota do azulejo

Até 26 de Janeiro

O mundo do azulejo, do Antigo Egipto até aos nossos dias, estará patente em Lisboa. Importantes peças vindas de museus e coleções nacionais e internacionais, numa exposição inédita, totalmente dedicada ao azulejo, que reúne mais de uma centena de peças produzidas por culturas tão diversas como o Império Otomano, Pérsia, Índia, Inglaterra, Espanha, Itália, Flandres, Holanda e, claro, Portugal. Os módulos temáticos abordam questões como o mito da cerâmica dourada, as conquistas da geometria, a importância da heráldica, o valor da mitologia cristã, a estilização da Natureza, e a representação da utopia e do quotidiano e mostram a evolução, actualização e adaptação aos tempos desta forma de revestimento que conhecemos como “azulejo” desde o século XV.

Viena, Barcelona e Londres são sempre destinos apetecíveis. E se juntarmos uma visita a um museu, a viagem só tende a melhorar. Veja as propostas destas cidades



Museu Albertina, Viena

De Monet a Picasso

Exposição Permanente

Nesta exposição, o museu Albertina oferece mais de 100 anos de história da arte com obras fundamentais do impressionismo francês, do pós-impressionismo, do expressionismo alemão, do fauvismo e da vanguarda russa. O ponto de partida são obras de Monet, Renoir, Degas, Cezanne e Toulouse-Lautrec. Outros focos são o surrealismo de Miró e os russos Malevich e Lissitzky. Obras de Picasso, Bacon e Giacometti transportam-nos para a segunda metade do século XX e a mostra é complementada com obras de Paul Klee, Richter, Baselitz, Kiefer e Longo.

Museu Nac. Arte da Catalunha, Barcelona

Joan Colom, fotografias 1957-2010

Até 25 de Maio

Joan Colom (Barcelona, 1921) é um dos fotógrafos mais importantes da segunda metade do século XX, e um dos maiores inovadores da fotografia de guerra. Foi, sem querer, o pioneiro do fotojornalismo em Espanha. Sugerimos que mergulhe no mundo de Colom através de mais de 500 fotografias que abrangem toda a sua carreira. Na exposição encontram-se as imagens mais famosas, tiradas quase clandestinamente, em 1960, em Chinatown Barcelona.



Tate Britain, Londres

Pintura Agora: Cinco Artistas Contemporâneos

Até 9 de Fevereiro

Esta mostra incide sobre o trabalho de Tomma Abts, Gillian Carnegie, Simon Ling, Lucy McKenzie e Catherine Story, artistas que têm desenvolvido a sua própria abordagem para pintar hoje. A exposição apresenta uma gama de respostas sobre o que é que a pintura pode significar atualmente e revela diferentes relações que existem entre a prática contemporânea e abordagens mais tradicionais da pintura, oferecendo uma oportunidade para um amplo e crítico debate sobre o tema.

2014... novo ano mas as sugestões da M^a João CD para o Porto continuam! Não deixe de visitar a cidade e apreciar o que de melhor ela tem para oferecer no âmbito da cultura

Exposições

SERRALVES: “BES Revelação 2013;” Cildo Meireles”, peças produzidas entre 1969 e 2013 pelo artista brasileiro (até 26); “Ahlam Shibli: Phantom Home”, fotógrafo palestino (até 9 fev); “Artistas Brasileiros e Poesia Concreta” as vanguardas da década de 1960 (até 4 mar).

TEATRO DAS MARIONETAS DO PORTO: “O Segredo das Nuvens” marionetas, cenários e objetos de 6 peças encenadas por João Paulo S. Cardoso (até 25 jan). **C. MUSEU GUERRA**

JUNQUEIRO: “Geishas - Uma Tradição Milenar no Japão”, instalação de Leonor Alvim (até 31).

C. MUSEU MARTA ORTIGÃO SAMPAIO: “Estratégias para dem[ur]rar o tempo”, intervenções Contemporâneas (até 8 mar). **B.M.ALMEIDA**

GARRETT: “Habitar(s)”, obras das Coleções das Fundações de Serralves e Luso-Americana para o Desenvolvimento (até 23 fev). **C. PORTUGUÊS**

DE FOTOGRAFIA: “Mostra Espanha 2013 Antologia Gervasio Sánchez” (até 2 mar). **GALERIA**

DA FUNDAÇÃO EDP: “10^a Edição Prémio Novos Artistas Fundação EDP 2013” (até 23 mar).

MUSEU N. IMPRENSA: “PortoCartoon-25 de abril, 40 anos”, mensalmente serão acrescentadas novas peças até ao 25 de Abril de 2014 (até 31 mai).

FUNDAÇÃO JÚLIO RESENDE: “Alentejo Resende” desenhos do período alentejano, produzidos nos anos 40 quando J.Resende foi como professor em Viana do Alentejo (até out.).

Teatro

TNSJ: “À Espera de Godot, tragicomédia em 2 atos” de Samuel Beckett e Instalação “Waiting for Godot” (9 a 19); “Coriolano”, tragédia de Shakespeare (6 a 16 fev). **T.CARLOS ALBERTO:** “Actor Imperfeito” de Luísa Costa Gomes com os sonetos de Shakespeare encenação António Pires (22 a 2 fev). **MOSTEIRO S.BENTO VITÓRIA:** “Terra do Desejo” de W. B. Yeats (16 a 26).

Música

COLISEU: “Dream Theater”, quinteto americano (15), “Extreme Makeover” de Johan de Meij, (19). **CASA DA MÚSICA:** “Ensemble de Gamelão” (18); “Remix Oriente”, música da sul-coreana Unsuik Chin, Marisol Montalvo soprano e Vítor Pereira clarinete (18); “Paul Hillier, Entre o Céu e a Terra”, Coro CM com sonoridades inspiradas em rituais arcaicos segundo a filosofia de Confúcio e religião budista (19); “Kumico Tsumor” fadista que nasceu em Osaka (19); “Gisela João”, fado (22), “Lott e Strauss”, a soprano Felicity Lott canta R.Strauss (24); “Miguel Poveda”, flamenco contemporâneo (25); “Nuno Costa Quinteto”, jazz (28); “Mallu Magalhães”, jovem cantora brasileira (28); “O Império dos Sentidos”, OSP (1 fev); “Orquestra de Música Chinesa da Província De Jiangsu” (4 fev); “Música no Cinema” (7 fev).

À descoberta

CENTRO. P. DE FOTOGRAFIA: “Arrábida 50, 50 anos da Construção da Ponte da Arrábida” (até 16 mar). Começada a ser construída em 1957, a Ponte de Arrábida liga a zona da Arrábida a V.N. Gaia pelo nó do Candal. Com 614,6m de plataforma, largura de 26,5m, vão de 270 m e 52 m de flecha era, em 1963, a ponte com o maior arco em betão armado do mundo. 2 faixas de rodagem (alteradas nos anos 90), 2 laterais para peões e ciclistas, 4 elevadores subindo 70m do rio ao tabuleiro, inclui 4 esculturas com 5m de altura, em bronze, dos escultores Barata Feyo e Gustavo Bastos. O engenheiro responsável pelo seu projeto e construção (1955) foi Edgar Cardoso que teve a colaboração do arq. Inácio Peres Fernandes e do eng. José Francisco de Azevedo e Silva. Foi inaugurada a 22/6/1963 e, a 23/5/2013, foi classificada como monumento nacional.



Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. JORGE SOUSA SANTOS
ES RAFAEL BORDALO PINHEIRO**